

Sistema Trial – Uma revolução na Aprendizagem que urge desencadear

Pré-História do Sistema Trial

Pode dizer-se que o Sistema Dual alemão nasceu com as Guildas, que a partir do século XII organizaram as profissões na Alemanha, muito similares às nossas Corporações de Artes e Ofícios, no entanto, este só começa a adquirir a forma atual nas duas últimas décadas do século XIX e nas duas primeiras do século XX, porém, a forma definitiva como o conhecemos hoje, nasce em 1968 com a Lei da Aprendizagem, ou a *Berufsbildungsgesetz* (Greinert,1995), contudo, só depois da 2ª Guerra Mundial, com destaque para os anos 60, é que o DUAL se impõe na Alemanha e se transforma num dos motores do “milagre económico” quicá, no mais importante deles, pois ainda hoje mais de 50% dos jovens deste país veem neste sistema a sua principal escolha, sabendo como ela pode ser decisiva para o seu futuro, uma vez que, embora possuam o correspondente ao 12º ano (Ensino Secundário), de acordo com as leis alemãs, não podem transitar para o Ensino Superior (CEDEFOP, 2016).

Os pedagogos que conhecem a fundo os processos de aprendizagem e a forma como funciona o cérebro humano; tanto quanto a ciência foi capaz de nos dar a conhecer até hoje, sabem que a continuidade ou a quase simultaneidade entre a aquisição do conhecimento e a sua aplicação prática, irá promover na mente uma associação de tipo algorítmica, com grande poder contra a erosão do tempo (esquecimento) que, quando ocorre em paralelo com o mecanismo da repetição, aumenta em proporção a sua eficiência; ao invés, as investigações mostram de forma muito clara a pobreza do método expositivo (só ouvir e escrever), mas que gradativamente melhora em função da sua interligação com outras metodologias usadas na aprendizagem, entre elas, o método demonstrativo, já que adiciona alguma prática e, por esse facto, aumenta a eficiência, todavia, esta só alcançará valores máximos com os métodos ativos, onde o saber, o saber-fazer e o saber-estar se combinam de forma harmoniosa e eficaz.

Os métodos ativos, sejam eles o PBL (Aprendizagem Baseada em Problemas), o Método dos Casos ou os Jogos Pedagógicos, em todos eles está presente a tal associação algorítmica, dado que a pessoa observa, analisa, reflete, discute e aplica. Passam-se praticamente os mesmos fenómenos mentais no Sistema Dual, pois na formação em sala de tipo expositivo ou demonstrativo, há sempre

lugar para a discussão; o professor deverá até promovê-la, com a vantagem de poder usar casos ou problemas no trabalho da aula, mas depois irá haver uma ligação sequencial à prática, onde o saber vai ser envolvido por repetição com o saber fazer e ainda com o saber estar em equipa no contexto de trabalho. Está assim definido o cerne do Sistema Dual.

Este sistema, não é só superior aos outros devido à sua ligação umbilical entre a teoria e a prática, é também alimentado pela enorme motivação que gera, pois retira o aprendente de um campo inativo, onde a sua atenção seletiva (essencial à aprendizagem) vai diminuindo na razão inversa da exposição do professor, daí que, mesmo na sala de aula seja importante existir a introdução de perguntas, de problemas ou exercícios em cada 20 ou 30 minutos, para aumentar os níveis de vigilância, mas este processo só fica completo e motivador, quando aquele que aprende aplica o seu saber no contexto de trabalho, porque existe um hiato pequeno entre a aquisição do conhecimento e a criação da competência, o que aumenta o bem-estar e a satisfação do aluno/formando, pois não só há prazer na atividade, como esta é reforçada pelo movimento da construção, ou seja; ao tédio de semanas de inação, há o contraponto de inação – ação, gerada por um sistema que combina em doses certas o tempo de ouvir, refletir, experimentar e aplicar.

Por mais explicações que se procurem na especulação científica, os 50 anos de êxito do Sistema Dual na Alemanha, mas também um pouco por todo o mundo, como ocorreu na Suíça e na Áustria ou com sistemas muito similares, como é o caso da Aprendizagem em Alternância na França ou somente Aprendizagem em Portugal; o sucesso está amplamente demonstrado. Estes exemplos evidenciam empiricamente aquilo que está há muitos anos comprovadíssimo: a excelência de um sistema que forma as pessoas em sala e depois, numa sequência natural, quase imediata e contígua, leva-as para o contexto de trabalho.

Quando falamos do DUAL ou da Alternância que, com pequenas nuances entre si não diferem muito, não estamos a referir-nos a algo que tenha começado só nas Guildas alemãs ou nas Corporações de Artes e Ofícios espalhadas por toda a época medieval, mas naquilo que nasceu, pelo menos enquanto pensamento, na China no século V a.C. com Confúcio e, depois, com Sócrates na Grécia do século IV a.C. Dizia o primeiro: “Quando eu ouço esqueço, quando vejo recordo, quando faço aprendo” ou, como afirmava o segundo com a Maiêutica (dar à luz):

“Conhece-te a ti mesmo”, através da qual poderemos chegar à realização com perguntas simples; quase ingênuas, porém perspicazes. Será então lícito dizer que, a junção das duas linhas de pensamento levam-nos, numa fase inicial, à formação em sala, onde o método interrogativo, aliado ao expositivo, quiçá, ao demonstrativo, nos conduzem para o conhecimento (a verdade) e que, depois, a formação em contexto de trabalho faz com que a aprendizagem se materialize na competência do saber-fazer e do saber-estar; eis-nos portanto chegados aos Sistemas Dual e à Alternância dos séculos XX e XXI.

Muito se poderia dizer sobre o sucesso do Sistema Dual e das metodologias que seguem o mesmo processo de aprendizagem, pois não foi só o desenvolvimento propiciado pelo “milagre económico” da Alemanha do pós-guerra, foi a própria forma de financiamento de um sistema ganhador, que tornou este país na mais próspera nação da Europa e numa das mais rentáveis do mundo.

Na República Federal Alemã, segundo o *Bundesinstitut für Berufsbildung* de 2014, o Sistema Dual custou nesse ano 30.900 milhões de euros, que foram repartidos pelas empresas (23.800 milhões - 77%), pelo Estado Federal (3.900 milhões - 13%) e pelos Länder (3.200 milhões - 10%), tendo abrangido 1.571.457 jovens. A fatia maior vem das empresas, pelo reconhecimento implícito que o modelo de aprender em alternância é, de todos, o mais eficiente numa relação de custo/benefício, ao invés do que acontece em Portugal há muitos anos, onde a subsidiopendência tomou conta da Formação Profissional, com resultados, no mínimo, desastrosos quando se compara o investimento que desde a década de 90 do século XX está a ser realizado pelos vários programas do Fundo Social Europeu, mesmo juntando o esforço de algumas empresas, para se concluir que, o nosso rácio de eficácia e de eficiência é baixíssimo, quando comparado com os países que implementaram o Sistema Dual.

Sistema Trial – o futuro

A superioridade do Sistema Dual e congéneres está amplamente demonstrada mas, embora oriundo da “noite dos tempos” e com uma aplicação massiva já na segunda metade do século XX, entrou na sua curva descendente, se atendermos ao modelo pensado pelos pedagogos desse período, onde alcançou sucesso e reconhecimento ímpares na História da Formação Profissional, porém, estamos no fim deste círculo virtuoso, pois as exigências do século XXI e da sociedade da informação e comunicação que, neste período, acelera diariamente todos os setores socioeconómicos; enfim, a formação em sala e no contexto de trabalho, só por si, não estão em sintonia com a generalização do multimédia e das redes sem fios, consubstanciadas nos computadores, em tablets e smartphones, hoje com uso quase generalizado.

A forma de aprender do *Homo Sapiens* não é igual à do *Homo Zappiens* (Wim Veen, 2006), onde predomina uma aprendizagem em rede (Redes Sociais), uma memória externa (Google), uma atenção seletiva dominada pelo *zapping* e uma cultura multicanal, onde uma pessoa tem a televisão ligada, utiliza o computador, ao lado está um telemóvel conectado; ficando com “um olho” na televisão, outro no portátil e os ouvidos também sintonizados em todos os meios, especialmente, num telefone multiusos.

O ser humano da segunda década do século XXI está habituado a ter Internet em casa, no trabalho, na praia, no campo, no café, no jardim; até no automóvel enquanto conduz ou no comboio enquanto viaja; mesmo em algumas empresas de aviação poderá usá-la; em suma, a rede de contactos é universal. Na mesma linha de pensamento, qualquer pessoa durante uma inflamada discussão recorre ao Google pelo smartphone para obter a informação desejada; também, se não sabe a morada utiliza o GPS, enquanto corre ou faz *Jogging* usa a rede para se orientar, contar passos e medir distâncias, ouvir música no seu leitor de MP4 (iPod); enfim, o eletrónico invadiu a vida e o cérebro do homem atual; tudo o que o rodeia tem de estar alinhado com este padrão: informação que chega à mente orientada por sentidos centrados em vídeos de alta-definição, sons que chegam pela audição, mas também pela pele através da via tátil, movimento e interação a atuar nas emoções, a partir da dramatização, da mudança e busca de cenários e da leitura acicatada por estímulos sonoros; em suma, neurónios multitarefa a rececionarem estímulos simultâneos, vindos através dos sentidos, em rede com

uma memória externa multicanal, produzindo aprendizagens, na essência, não-lineares e personalizadas.

O Sistema Dual tem de ser substituído pelo Sistema Trial, ou seja, no primeiro existe uma ligação direta e próxima entre a Formação em Sala e a Formação em Contexto de Trabalho e, no segundo, é-lhe adicionado o eLearning, portanto, o DUAL referia-se a dois sistemas e o TRIAL apresenta três, sendo este último a Aprendizagem através da Tecnologia. Há enormes vantagens na adoção de um eLearning multimédia e interativo, como aquele que é protagonizado no modelo SAFEM-D (Sistema Aberto de Formação e Ensino Multimédia a Distância), onde a pedagogia, a andragogia, o multimédia e a distância são tratados de uma forma integrada; dito de outro modo, o aprendente começa a estudar onde quiser, tendo por base a Internet e os meios à sua escolha: computador, tablet e smartphone.

Começar a aprendizagem pelo eLearning não é uma questão de moda, ao invés, é chegar ao cérebro do aprendente com estímulos de qualidade, que alcancem de forma natural o funcionamento da mente e façam com que os novos saberes cheguem às memórias em excelentes condições, sem perdas de informação, de modo que a aquisição de conhecimentos seja realizada em muito menos tempo e a recuperação dos mesmos, quando for necessária, seja elaborada também em décimos de segundo.

Este “milagre” existe, porque os dados vão alcançar o local de armazenamento num dos hemisférios e no hipocampo, a partir do “canal de capacidade limitada” (Miller, 1961 e Gagné, 1974) sem que sejam rejeitados, para que no circuito em redor da Memória a Curto Prazo, a codificação para a Memória a Longo Prazo ocorra numa situação ideal, pois os estímulos, oriundos do vídeo (dramatizados ou que resultam da interação do utilizador), bem como os sons, as palavras lidas e ouvidas e a informação que chega por via tátil ou, mesmo, gustativa e olfativa, seja incorporada num círculo virtuoso que resulta das expectativas, da motivação e das emoções; tudo gerado pela interação entre estas valências e os dados a guardar, tendo como resultado final uma aprendizagem efetiva de alto-débito, que resulta da associação positiva e algorítmica entre os múltiplos vetores que intervêm neste processo, ficando toda a informação retida e encapsulada num algoritmo que propicia uma busca muito célere, sempre que for necessário fazer a recuperação da informação guardada nas memórias, portanto, será o mesmo que dizer: operacionalizar o gerador de resposta numa ligação do cérebro com

os membros ou com outras partes do corpo, para agirmos na implementação dos conhecimentos.

Em face do exposto, pode dizer-se que o eLearning multimédia e interativo que é proposto pelo SAFEM-D (Fernandes, 1999) deve ser a primeira abordagem dos aprendentes que recorrem ao Sistema Trial, pelas seguintes razões:

- Podem estudar no local mais recôndito do País, recorrendo apenas a um computador ou a um tablet (onde quiserem);
- Podem realizar o estudo à hora que desejarem (quando quiserem);
- Podem fazer a aprendizagem nas condições que forem mais cómodas e ao seu próprio ritmo (como quiserem);
- A transferência da informação é multi-estímulo: vídeo dramatizado ou expositivo, voz-off, música, sons diversos, imagens dinâmicas e estáticas, animações em 3D, simuladores, texto escrito e falado, esquemas interativos, perguntas e respostas, etc.
- Prática simulada através de problemas, casos, jogos, exercícios, questionários, espaços de escrita, puzzles, gravações áudio e vídeo, autoscópias online, *drag-and-drop* (arrastar e largar), construção de figuras e peças, etc.
- Avaliação de Diagnóstico, que mede o conhecimento na entrada do processo de aprendizagem; Avaliação Contínua e Formativa, que afere a aquisição de saberes em cada sessão de estudo e torna a avaliação num momento de aprendizagem; Avaliação Sumativa, que adiciona de forma permanente os resultados ao longo da ação de formação e Avaliação Final que, em conjunto com a Contínua e a Sumativa, faz o cálculo dos resultados quantitativos alcançados ao longo do curso. Por último, Avaliação Qualitativa, que regista a opinião dos aprendentes sobre todo o sistema de aprendizagem (Nível 1 – Reação - Kirkpatrick);
- Diagnóstico e aplicação dos resultados no processo de aprender a aprender e aprender a ensinar, através dos Estilos de Aprendizagem;
- Tutoria através de vários sistemas online: videoconferência, e-mail, telefone, etc., bem como recorrendo a sistemas mediados pela Inteligência Emocional;

- Embora o Modelo Pedagógico e Andragógico SAFEM-D sugira um eLearning de matriz assíncrona, quando a matéria em estudo o exigir, deverá haver partes síncronas online ou mesmo sessões presenciais.

As razões supracitadas são apenas as principais, de um rol de vantagens que aponta para que o Sistema Trial deva começar com o eLearning, mas existem outras de natureza económico-financeira, que também têm muito peso, como o facto de todo o interior de um país, mais desertificado e sem infraestruturas de ensino, possa ter os jovens e mesmo os adultos (desempregados ou não) junto das suas famílias, com vantagens sociais importantes, mas com ganhos muito substanciais numa ótica económica, pois não é necessário trazer tantas pessoas para os centros urbanos principais, o que significa uma enorme redução de todos os custos, sejam eles edifícios, equipamentos, docentes, auxiliares, alimentação, transportes e alojamento.

Nesta fase da análise, se apenas nos situarmos no Ensino Secundário, mesmo num período que sabemos que existe uma redução acentuada de alunos devido à baixa natalidade, foram matriculados em Portugal, no ano letivo de 2015/2016, 312.497 estudantes (fonte: Pordata). Se a partir destes dados estimarmos que nos grandes centros urbanos vivem 70% destes jovens, mesmo assim ainda temos 93.749 estudantes, a quem a implementação do Sistema Trial beneficiaria a cem por cento, no entanto, nos restantes 218.748, mesmo vivendo nas maiores cidades ou vilas, teriam enormes vantagens em serem integrados neste sistema de ensino, que começa no eLearning, é depois complementado com a formação em sala, onde são utilizados métodos ativos baseados em problemas, casos e jogos, cuja vertente principal será treinar o saber-estar, através de processos de simulação do trabalho em equipa, deixando a aquisição de competências de tipo profissional para o contexto empresarial.

Metodologicamente, numa primeira fase, o Sistema Trial começa por envolver os alunos no eLearning, para que através de meios multimédia de comprovada eficácia, aprendam em muito menos tempo os conteúdos que tradicionalmente eram transmitidos pelos professores através do método expositivo, com alguma exercitação complementar. Os novos processos de aprendizagem recorrem aos estímulos adequados que, através da observação, imitação, repetição e reflexão,

conseguem fazer a transferência dos conhecimentos para o local onde eles vão ser armazenados: o cérebro de cada estudante, para que este os consiga usar na dinâmica de grupos da Aprendizagem Baseada em Problemas, do Método de Estudo de Casos, dos Jogos Pedagógicos e de outras práticas simuladas que podem ser desenvolvidas em sala. Com as duas primeiras fases conseguimos alcançar a transferência de conhecimentos e a aquisição de competência sociais para, em seguida, já em contexto de trabalho, na presença de profissionais com elevada experiência, o estudante poder fechar o ciclo e transformar os saberes adquiridos em competências aplicadas a uma dada profissão ou tarefa.

Das três componentes do Sistema Trial, há duas que são conhecidas por todos, praticamente desde a Revolução Industrial, em especial, com o Taylorismo, que são a formação em sala e no contexto de trabalho, porém, o eLearning, pela sua modernidade, mas também pelos caminhos transviados onde alguns, por acaso muitos “aprendizes de feiticeiro” o foram colocando, um pouco por todo o mundo, na sua vontade de ganhar dinheiro fácil ou fascinados pela tecnologia, pois para eles esta tudo resolve, acabando por gerar um enorme descrédito à-volta desta hodierna metodologia, que levou muitas pessoas e empresas a não a quererem adotar. Por essa razão, no papel de criador do Sistema Trial, sinto-me obrigado a dissertar sobre a mesma, para que o leitor a consiga interpretar e compreender como algo inovador e vantajoso no processo de ensino/aprendizagem; não sem antes proclamar que este sistema, tal como acontece com o Sistema Dual, não se esgota num só tipo de ensino, mas antes, com as devidas adaptações, pode ser utilizado em todos os ciclos do Ensino Básico, como forma de contrariar a desmotivação das crianças e dos jovens que têm um pensamento mais concreto e cuja permanência constante numa sala de aula é geradora de frustração, logo, de insucesso escolar.

Relativamente ao Ensino Superior, a transposição pode ser quase direta, dado que estamos a falar de estudantes mais velhos, já com uma autonomia diferente, onde o autoestudo e a pesquisa são já práticas correntes. Obviamente, há cursos onde a aplicabilidade do Sistema Trial é mais difícil, mas existem sempre formas de ajustamento, o importante será acabar com aquilo que ocorre na atualidade, onde na maioria das faculdades; embora existam aulas teóricas e práticas, estas últimas, por razões de índole diversa, não preparam os alunos para o mundo do trabalho, com algumas exceções que todos conhecem, onde os estágios de tipo

académico apenas mitigam o problema, pois as empresas recebem licenciados e mestres a quem têm de ensinar o essencial da profissão. É verdade que a sua progressão no seio da organização é mais rápida que a dos não licenciados, mas isto representa um problema sério para as empresas, que recusam às vezes os estagiários, porque estes estudantes mal preparados vão destabilizar o seu planeamento, o que ocasiona elevadas perdas de tempo aos colaboradores das entidades que os acolheram, porém, este problema tem solução, com uma maior alternância entre a aprendizagem teórico-prática ministrada nas universidades e institutos politécnicos, com as empresas que precisam de pessoas qualificadas com formação superior.

Aprendizagem através da Tecnologia

O tema “Aprendizagem através da Tecnologia” ou “Aprendizagem Suportada pela Tecnologia” poderá levar-nos a interpretações erradas, embora saibamos que se pretende colocar a tónica num processo, onde o ato de aprender será mediado pela tecnologia, tendo como suporte o computador e a Internet; foi por esta via que surgiu o Ensino Assistido por Computador e, depois, o eLearning.

Ao longo da história da pedagogia sempre se quis reforçar o princípio do ensino, dando primazia àqueles que têm a nobre tarefa de transmitir a informação, quiçá, passar o conhecimento; denominem-se eles professores, formadores ou tutores, sem nunca esquecer que nesta abordagem estamos a dar um papel passivo aos que aprendem. Levar-nos-ia muito longe fazer uma abordagem profunda sobre a legitimidade do conceito de ensino e do ato de ensinar, mas não será difícil admitirmos que a aprendizagem varia com cada pessoa e também como o seu estilo biopsicossocial, onde a aquisição de conhecimentos depende das aptidões individuais, das expectativas, do autocontrolo e da automotivação, isto é, de algo idiossincrático e que está intimamente relacionado com as inteligências de cada ser humano: a cognitiva e a emocional.

É nas metodologias pedagógicas e nos meios tecnológicos que vamos centrar a nossa análise e reflexão ao logo deste ensaio, porque o Homem sempre teve a preocupação de perceber como é que adquiria os conhecimentos e se podia melhorar o seu desempenho ou, ainda, se seria possível aprender em menos tempo, embora esta última inquietude não tenha assumido um papel de relevo,

pois a velocidade a que se moviam as sociedades, e mesmo as civilizações anteriores aos séculos XX e XXI, não era, em si mesma, impulsionadora desta necessidade.

Diga-se em abono da verdade que desde as civilizações Greco-romanas até ao Renascentismo, em quase todas as áreas, incluindo as inerentes às técnicas, todas andaram a um ritmo lento; só no Século XVII, pelas exigências da 1ª Revolução Industrial, todos os setores técnico-científicos aceleraram; todavia, a Pedagogia e a Psicologia só descolaram deste longo sono letárgico, já no final do Século XIX com Wilhelm Wundt, tendo atingido uma velocidade de cruzeiro já na primeira metade do Século XX, com Pavlov, Watson, Thorndike, Skinner, Vygotski e Piaget.

Se fizermos uma análise retrospectiva, tendo como mote o ensino/aprendizagem a partir dos suportes que a tecnologia em cada época proporciona, temos de regredir 5.600 anos até à Suméria e às suas célebres Tabuinhas de Argila, escritas em linguagem cuneiforme, pois só assim poderemos compreender como neste período tão remoto se guardava o conhecimento e também como ele era disponibilizado aos aprendentes dessa época.

Na linha de McLuhan, H. M. (1967) e da sua “Aldeia Global”, onde tudo se mede em nanossegundos, o Homem de hoje tem de aprender em consonância com esta era, onde a aquisição de conhecimentos deve ser suportada e catapultada pela Tecnologia da Informação e da Comunicação. Se formos rigorosos, vamos verificar que tal não acontece, pese embora o facto de áreas de enorme relevo para a evolução do conhecimento, como a Psicologia, as Ciências da Educação e a Neurociência, que desde sempre têm dado inúmeros e valiosos contributos para tornarem mais célere e eficaz o processo de ensino/aprendizagem, só aqui e além têm conseguido esse objetivo primordial.

Por eLearning deve entender-se a aprendizagem por meios eletrónicos; este será talvez o primeiro equívoco, pois na verdade, devido à *World Wide Web*, é quase sempre interpretado ou definido como Ensino a Distância, todavia, todos os processos ligados ao ensino e à formação que utilizam suportes tecnológico-informáticos, como CD-ROM, DVD, e-mail, Internet, PODCAST, telemóvel, etc., são passíveis de serem categorizados como pertencendo a esta modalidade didático-pedagógica.

Outro grande equívoco nasce com o próprio eLearning e com os seus principais divulgadores, ou seja, o grupo de engenheiros do *MIT - Massachusetts Institute of Technology*, da *Stanford University* e da *Harvard University*, quando no final da última década do Século XX disseram ao Mundo: “viva o eLearning, morra o Presencial” e avançaram para as grandes empresas e outras organizações de importância estratégica, como é o caso das forças armadas, onde o prestígio outorgado pelas universidades de onde eram oriundos, acabou por impor uma verdade que o tempo rapidamente desmentiu.

Estes homens e mulheres espalharam assim a “boa nova” aos quatro ventos, mas os resultados foram muito diferentes do que era esperado, porque “nada” do que foi prometido se cumpriu: aprendizagem muito mais rápida de acordo com as exigências do nosso tempo, custos reduzidos, formação generalizada e célere, democratização do saber, fontes inesgotáveis de conhecimento; enfim, foram passando os anos e os gestores das organizações tiveram de mandar os seus “exércitos” regressar aos meios convencionais de aprendizagem, porque as profecias não se tinham tornado realidade, apenas restaram as plataformas, de que a Moodle será o exemplo mais generalizado, destinada a fazer a gestão dos conteúdos a distância, sem que isso traga qualquer inovação no processo de aprendizagem; ao invés, pela sua má qualidade, “vacina” as pessoas contra o eLearning, o que representa um retrocesso monumental para as Ciências da Educação.

Conclusão

Ao longo desta breve dissertação sobre a Aprendizagem através da Tecnologia falámos sobre as falácias e os equívocos que, à escala mundial, “atormentam” esta metodologia, cuja expressão máxima é o eLearning; assim, para se poder separar “o trigo do joio”, de modo a não confundir o que já está profundamente pensado, testado e investigado, ou seja, aquilo que recorre ao planeamento pedagógico, ao multimédia, à programação, ao web design e à interatividade, com os modelos de “eLearning” feitos por ferramentas autor, com vídeo-aulas que imanam da gravação das próprias lições, com professores a falarem para uma câmara sem respeitarem as regras do método expositivo, com o recurso a avatares e a banda desenhada sem critérios didático-pedagógicos; enfim, são

disseminados processos sem fundamento científico, gerando mitos que, em si mesmo, pretendem impedir que um trabalho sério se difunda nas organizações, principalmente, nas grandes empresas. Esta é a principal batalha que o Sistema Trial terá de vencer.

O mito que “obriga” os decisores a chamarem sempre os informáticos quando o assunto é o eLearning, pois para muitos gestores são estes os profissionais mais entendidos nesta área. É um erro monumental e o principal responsável por o eLearning e bLearning não terem assumido um lugar de enorme destaque na Formação Profissional e no Ensino Superior, uma vez que a investigação demonstra que os técnicos é que devem assumir a responsabilidade por projetos desta índole; ou seja, os pedagogos e os especialistas que estudam a educação e a formação no âmbito da Aprendizagem através da Tecnologia.

Quando o eLearning é suportado por um Modelo Pedagógico adequado, utiliza uma Plataforma de qualidade, os conteúdos são produzidos por especialistas assessorados por pedagogos e existe uma transposição eficaz para materiais elaborados no multimédia, de modo a construir produtos interativos, apelativos e capazes de estimular os sentidos e o cérebro dos aprendentes; dir-se-á que esta metodologia é superior à Presencial para determinado tipo de matérias; mas não se esgota aqui, pois conjugada com outras técnicas, como o bLearning e o Sistema Trial, poderá conduzir a um processo de aprendizagem que atinja um sucesso nunca antes alcançado.

Outro mito que urge desmistificar, e até destruir, é a crença de que o eLearning e o bLearning não podem ser aplicados a todas as áreas do conhecimento, o que faz delas metodologias complementares. Dito de outro modo, existe ainda uma convicção muito difundida, que a Aprendizagem através da Tecnologia só será aplicável a alguns tipos de técnicas ou saberes, o que está demonstrado não ser verdade. Em suma, estas são as batalhas que urge ganhar para que o **Sistema Trial** se possa instalar no processo de ensino/aprendizagem de forma definitiva, em todos os ciclos ou graus de ensino e na formação profissional.

Janeiro de 2017

António Augusto Fernandes, Ph.D.